

SESSÃO 7 – 1º DE ABRIL

Tema: *Vida e obra de Mattoso Câmara Jr.*
Coordenador: Walmírio Macedo (LLP/UFF)

VARIAÇÃO E VARIANTES NAS EDIÇÕES DE *PRINCÍPIOS DE LINGÜÍSTICA GERAL* DE MATOSO CÂMARA JR.: QUESTÕES FILOLÓGICAS E LINGÜÍSTICAS

Nilda Cabral
UFF/LLP

A escolha do texto

A eleição de um texto para objeto da organização de uma edição crítica envolve, em determinadas circunstâncias, uma espécie de ‘intuição’ que parece nortear, num primeiro momento, essa escolha. ‘Intuição’ entendida como “ato de ver, perceber; discernir” alguma coisa nova, vista a partir de um campo específico de observação e sobre a qual se tem apenas um conhecimento generalizado. Podemos também considerar essa escolha como resultante do faro profissional, de uma capacidade de que a prática do ofício vai equipando o indivíduo para fazer opções, para enxergar o que é pertinente para a sua práxis, e que, no caso do crítico textual, o levaria a ver num texto não só as possibilidades privilegiadas que ofereceria de aplicação do método e das técnicas do seu fazer científico, mas também a pertinência de submetê-lo a um tratamento crítico-filológico.

É possível, assim, que em alguma medida essa intuição de especialista, aliada à intimidade com os textos teóricos em geral e com os textos matosianos em particular, tenha orientado a escolha feita pelo Professor Maximiano de Carvalho e Silva do texto de *Princípios de Lingüística Geral*, de Mattoso Câmara Jr., para objeto da organização de uma edição crítica e comentada. Na verdade, mais do que uma ‘intuição’, esse projeto daria continuidade ao seu trabalho pioneiro entre nós de publicação de edições com estabelecimento crítico de textos não-literários, textos de cunho teórico, de que são exemplos notá-

veis a 6.^a edição de *Dificuldades da Língua Portuguesa*, de M. Said Ali (1966) e, mais recentemente, o texto crítico da 3.^a edição de *História de um Pintor: contada por ele mesmo*, de Antônio Parreiras (1999).

Para a realização desse projeto de edição de *Princípios* constituiu o professor Maximiano, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, uma equipe de pesquisadores da qual eu fazia parte. Entretanto, esse projeto foi interrompido numa fase incipiente, em que ainda estavam sendo feitos os primeiros confrontos dos textos.

Autorizada por seu idealizador e tendo-o sempre como interlocutor generoso, entusiasmado e inspirado, pude contar com suas inestimáveis sugestões para reformular o projeto inicial a fim de apresentá-lo como proposta de tese de doutoramento na Universidade de São Paulo, com o título de *Edição Crítica de Textos Científicos: proposta de edição crítica de Princípios de Linguística Geral*, de Mattoso Câmara Jr. Orientada pela professora Elza Miné da Rocha e Silva, uma vez concluída e aprovada a tese, dei continuidade à organização da edição proposta.

Atualmente, essa edição crítica e comentada de *Princípios*, de que retirei os subsídios para o presente trabalho, encontra-se em fase final de preparação, tendo em vista sua publicação em livro.

A recensão

Antes de examinarmos as divergências textuais detectadas nas edições de *Princípios*, é preciso refazermos alguns passos da pesquisa realizada, para melhor contextualização das passagens a serem comentadas.

Ao efetuarmos a recensão desse *corpus* matosiano, a busca de manuscritos revelou-se infrutífera. Consultados seus editores de longos anos da Livraria Acadêmica, hoje Padrão, em busca de notícias de tais originais, tivemos como resposta a informação de que não era procedimento usual da editora conservar esse tipo de material. Da mesma forma resultou inútil nossa ida à Universidade Católica de Petrópolis, em cuja biblioteca central, sob os cuidados abnegados e solitários de Maria das Neves Krüger, encontrava-se parte do que foi doado àquela casa, pela viúva de Mattoso Câmara, de sua biblioteca particular e de seu acervo pessoal de documentos (manuscritos diversos, cadernos de anotações, cartas, fotos, pastas com recortes, etc.).

Entretanto, nosso desconhecimento da existência de manuscritos não afastava a possibilidade de terem sido conservados os chamados ‘exemplares de trabalho’, isto é, exemplares de edição anterior que o autor utiliza para fazer à mão as modificações que deseja incluir na edição seguinte a ser publicada, configurando-se este exemplar anotado como um novo manuscrito, que passa

a valer como original da edição que o filólogo tem em vista. No caso deste texto de Mattoso Câmara, conjecturamos terem existido originais dessa natureza, uma vez que, de edição para edição, retomou sistematicamente o texto de *Princípios* para modificá-lo com substituições, acréscimos, supressões e deslocamentos que deram a cada edição uma feição particular e única. Nada encontrando que se caracterizasse como tais exemplares, e sabedores de que seu acervo, antes de ser destinado à Universidade Católica de Petrópolis, foi visitado por pessoas que teriam recebido doações da viúva, restou-nos examinar, nesse estágio de pesquisa do *corpus* desse texto matosiano, unicamente sua tradição impressa.

Nossas investigações confirmaram a trajetória editorial de *Princípios* já estabelecida por Carlos Eduardo Falcão Uchôa, nos seus *Dispersos* de Mattoso Câmara (1972): há cinco publicações em vida do autor, todas por ele validadas, não havendo motivos para duvidar da autenticidade das inúmeras modificações introduzidas nos textos, de edição para edição, o que vale dizer que as variantes neles registradas podem ser atribuídas à inteira responsabilidade de seu autor.

As edições cotejadas

Foram cotejados os seguintes textos das edições de *Princípios de Lingüística Geral*, que apresentamos a seguir precedidos das letras maiúsculas com que os designamos na nossa edição crítica:

- A – Fascículos de 146 a 163 de Lições de Lingüística Geral: 1939 e 1940.** Professadas na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, de setembro de 1938 a janeiro de 1939, publicadas na *Revista de Cultura*, no Rio de Janeiro.
- B – 1ª edição: 1941.** Edição de F. Briguier Editores, impressa pela Gráfica Sauer, no Rio de Janeiro.
- C – 2ª edição: 1954.** Edição da Livraria Acadêmica, impressa pela Gráfica Olímpica, no Rio de Janeiro.
- D – 3ª edição: 1959.** Edição da Livraria Acadêmica, impressa na Compositora Gráfica Lux, no Rio de Janeiro
- E – 4ª edição: 1964.** Edição da Livraria Acadêmica, impressa pela Gráfica Olímpica, no Rio de Janeiro.

A – Lições de Lingüística Geral (1939-1940)

A gênese da tradição impressa de *Princípios* está na publicação, na *Revista de Cultura*, do curso de Lingüística ministrado por Mattoso Câmara, na Universidade do Distrito Federal, no ano letivo de 1938 (setembro de 1938 a

janeiro de 1939). Com o título de *Lições de Lingüística Geral* e o subtítulo, entre parênteses – (*professadas na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, de setembro de 1938 a janeiro de 1939*) – foram as *Lições* numeradas em romanos de *I a XII* e objeto das seguintes publicações nesse periódico:

Lições I: 1939. Ano 13, *nº 146* : p. 99-104 (06 p.)

Lições II: 1939. Ano 13, *nº 147* : p. 183-89 (07 p.)

Lições III: 1939. Ano 13, *nº 148* : p. 216-22 (07 p.)

Lições IV: 1939. Ano 13, *n.º 149 e 150*: p. 279-84 (06 p.)

Lições V: 1939. Ano 13, *nº 151* : p. 43-47 (05 p.)

Lições VI: 1939. Ano 13, *nº 152, 153 e 154* : p. 81-86 (06 p.)

Lições VII: 1939. Ano 13, *nº 155 e 156* : p. 177-85 (09 p.)

Lições VIII: 1940. Ano 14, *nº 157*: p. 21-27 (07 p.)

Lições IX: 1940. Ano 14, *nº 158* : p. 83-88 (06 p.)

Lições X: 1940. Ano 14, *nº 159 e 160* : p. 141-46 (06 p.)

Lições XI: 1940. Ano 14 *nº 161 e 162*: p. 202-208 (07 p.)

Lições XII: 1940. Ano 14, *nº 163*: p. 11-17 (07 p.)

Uma vez verificadas as características de autenticidade das cinco publicações, o exame de suas relações estemáticas confirmou como *texto definitivo* de *Princípios*, o texto *ne varietur*, o último publicado em vida do autor – *E (4ª edição – 1964)* –, eleito como o texto-de-base de nossa edição crítica.

O cotejo sistemático dessas edições revelou ainda configurar-se em cada uma delas um ânimo autoral diferente, pois em nenhuma se repete integralmente o texto da anterior.

A variação textual: a palavra do autor

O exame preliminar de cada edição e a leitura dos prefácios autorais de *Princípios de Lingüística Geral* permitiram-nos, desde logo, constatar as profundas diferenças entre os textos. Chamavam especialmente a atenção as alterações vislumbradas entre o texto de *Lições de Lingüística Geral* – publicado em fascículos de 1939 a 1940 na *Revista de Cultura* – e o da 1ª edição em livro, de 1941 (*dessa edição princeps foi publicada uma reimpressão em 1942*). Da mesma forma era evidente o salto entre esta 1ª edição, de 1941, e a 2ª, de 1954. Na passagem da 2ª para a 3ª edição, de 1959, também eram sensíveis as diferenças, mesmo num exame ainda superficial. A 3ª edição e a 4ª, de 1964, última em vida de Mattoso Câmara (que morreu em 1970), pareciam conter lições muito próximas, o que apontava para a edição de 1959

como o momento em que o texto adquirira a sua configuração final, reproduzida, com poucas e não muito importantes modificações na 4ª edição, de 1964.

No caso específico de *Princípios de Lingüística Geral*, de Mattoso Câmara, o prefácio autoral não é o que Genette (1987:54-97; 105-218) denomina prefácio *original*, isto é, o prefácio que surge no momento da primeira publicação da obra. Não figurando na 1ª edição em livro, de 1941, – que só ostenta o prefácio de Sousa da Silveira – o prefácio autoral de *Princípios*, ainda na classificação daquele autor, é um prefácio *ulterior*, cujo momento canônico é a 2ª edição. O que temos é um autor que se dirige pela primeira vez a seus leitores apenas quinze anos após a primeira aparição pública de seu texto. E o faz com o propósito, entre outros, de dizer como *Princípios* deve ser lido. Este prefácio inaugural seria mantido até a 4ª edição (1964), aparecendo, ao lado dele, na 3ª edição, de 1959, uma nota prévia brevíssima.

Para o nosso propósito interessava especialmente, nessa narrativa do autor sobre o processo de produção de sua obra, examinar a maneira como ele concebe, de edição para edição, as mudanças introduzidas na elaboração da matéria, na disposição e articulação desse conteúdo e na sua redação propriamente dita. De posse dessas revelações do autor sobre sua obra e sua concepção de criador acerca da verdade do seu texto naquele momento particular da sua produção, o próximo passo seria confrontar essa visão de Mattoso Câmara acerca de seus *Princípios de Lingüística Geral* com o que o exame do próprio texto iria revelar. Deixar que *Princípios* falasse por si e desvendasse, de dentro, a sua verdade sobre as mudanças nele efetuadas por seu criador.

Refazendo esses passos iniciais da pesquisa, retomaremos aqui alguns segmentos desses prefácios que contam o que Mattoso Câmara pensava das mudanças que introduziu, a partir da 2ª edição, e das motivações dos seus procedimentos.

Conta-nos ele, na *nota prévia* dessa 2ª edição (de 1954), que, uma vez esgotada há muito a 1ª edição (de 1941), publica novamente a obra, advertindo que *foi revisto cuidadosamente o trabalho*, para apresentar em seguida as razões desse procedimento. A primeira que alega é de caráter genérico e se vale de palavras de Herculano para registrar que *dez anos não passam debalde para a inteligência humana*; acrescenta uma outra, de caráter particular, que comprova a validade da primeira para a história de *Princípios* – *houve uma viagem de estudos do Autor, de 1943 a 1944, aos Estados Unidos, com um contacto direto com grandes figuras da ciência, norteamericanas e européias, e uma maior experiência didática adquirida com a regência da disciplina de Lingüística, na Faculdade Nacional de Filosofia, desde 1948.*

Ora, àquela altura da trajetória de seu pensamento teórico, as bases européias de sua formação humanística já estavam postas. Portanto, esse contato mais íntimo com a lingüística norte-americana era algo a ser anotado, apesar de ele nos advertir de que teve o *empenho [...] de não modificar o plano do livro e cingi-lo ao assunto que de início nele se focalizou*, o qual se encontrava delimitado no subtítulo – *como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa* (o título, portanto, deveria também merecer nossa atenção, uma vez que já se configurava como uma variante textual). Segue ele nos dizendo que também *não se alterou essencialmente o pensamento diretor* da obra, tendo sido executado apenas *o que em linguagem militar se chamaria ‘uma retificação de linhas’*.

Deparamo-nos em seguida com a revelação de um tipo de mudança que nossa intuição apontava poder se constituir em matéria-prima de nossos comentários: *as grandes modificações realizaram-se no estilo e na exposição*. E isto se deu, diz-nos ele, de tal forma que: a) procurou-se tornar o estilo *mais claro e incisivo*, num procedimento que buscou *principalmente* resolver *em frases curtas períodos demasiadamente longos e compactos* e b) tornar a apresentação *mais didática e acessível*, num procedimento marcado pela *distribuição das notas e adoção de subdivisões dentro dos capítulos* e pelas *constantes remissões a umas e outras*.

Tínhamos aí, de forma explícita, uma busca formal de aprimoramento de traços que possivelmente são aqueles pertinentes à linguagem científica: o rigor e a precisão (*mais... incisivo*), a clareza (*mais claro*) e a vocação pedagógica (exposição *mais didática e acessível*).

Continuando a leitura desse prefácio tão revelador do processo de produção do texto nessa etapa de sua história, o autor nos faz saber que em *vários pontos fizeram-se ampliações de detalhe, que pareceram úteis, e em alguns, ao contrário, supressões*.

Ofereciam-se, assim, para serem examinados, da ótica da Crítica Textual e registrados sistematicamente, esses procedimentos autorais de acréscimo, supressão, substituição e deslocamento, o seu caráter e o seu significado na nova verdade desse texto da 2ª edição.

Chegamos ainda, nesse mesmo prefácio, à explicitação de uma outra vertente de mudança, a do chamado *discurso de referência*, presente nos textos de vocação científica como uma de suas marcas, segundo Greimas (1986, p.47-48). Matoso constata que *é claro que o rol dos trabalhos manuseados foi ampliado com o que veio a ser lido depois da 1ª edição e com o que depois dela foi publicado*. Para depois confessar: *Não foram – é verdade – poupadas as citações, e o autor não se arrepende disso. Como singelo expositor didático, quis explicitamente apoiar-se nas grandes obras e idéias que*

vigoram na lingüística contemporânea. Manteve ele, porém, *a atitude de evitar o que se chama propriamente uma bibliografia*, prevalecendo a intenção de facultar ao leitor *o meio de conferir a exatidão das citações [...] ou pesquisar com vagar uma indicação rapidamente feita.*

Quanto ao seu lugar no conjunto das obras da área de conhecimento em que se insere esse *compêndio*, embora *modesto* e escrito por um autodenominado *singelo expositor didático* continua, na altura de sua 2ª edição, *a ser o único existente em língua portuguesa* – afirmação que será retificada apenas na 4ª edição, última publicada em vida do autor e em que ele declara, em nota de pé de página, que depois *desta data [1954], apareceu em Portugal, como publicação interna da Universidade de Coimbra, o excelente curso de Herculano de Carvalho (Carvalho, 1962).*

Continuando nosso percurso de leitura e exame dos prefácios, chegamos ao da 3ª edição, de 1959, de apenas um parágrafo, em que reafirma as linhas gerais de mudança, já configuradas na edição anterior. Assim, registra ele que foram feitas *as ampliações necessárias para manter o compêndio em dia com a atividade bibliográfica* e que esta 3ª edição *modifica até certo ponto o plano de distribuição da matéria*, sempre com *o propósito de tornar a exposição cada vez mais didática*, como resultado da sua *já longa experiência do ensino da lingüística*, sendo o seu curso *o primeiro* e, até aquela data, 1958 (data do prefácio), *ainda o único a ser feito em nosso país.* Com o mesmo propósito didático, acrescentou a cada capítulo um *Sumário, fixando as idéias fundamentais debatidas, e uma lista pequena e selecionada de Leituras Subsidiárias.*

A variação textual: o confronto dos textos

O cotejo dos textos de *Princípios* para localizar as divergências textuais anunciadas pelo autor e organizá-las no registro de variantes, colocou-nos diante de uma questão taxionômica a resolver, ou seja, o que considerar, neste texto matosiano, uma variante textual? Isto porque, no desdobramento do texto ao longo das edições, as atualizações e reformulações teóricas muitas vezes modificavam os segmentos confrontados por completo, não restando uma única palavra em comum, subsistindo apenas a idéia teórica que motivara a elaboração do segmento primeiro, germe do desdobramento.

Embora já existindo a edição crítica de Rudolf Engler do *Cours de linguistique générale*, de Ferdinand de Saussure (1968), a especificidade dos problemas apresentados por este texto e pelo de *Princípios* não permitiu que fosse tomado como modelo norteador de muitos procedimentos a serem concretizados no texto matosiano. Dessa forma, em várias etapas da organização de nossa edição, na insuficiência – e até mesmo ausência – de parâmetros a

serem seguidos, vimo-nos diante da necessidade de realizar algumas adaptações nos procedimentos canônicos de elaboração de tais edições, especialmente no que diz respeito à definição do que considerar *variante textual* e ao seu registro no aparato crítico.

Assim, na falta de padrões canônicos a seguir, e lembrando a advertência de Tavani (1990:37) quando nos diz que

a casuística textual é tão variada e complexa que qualquer princípio geral acaba por se revelar impotente para satisfazer todas as dúvidas que atormentam o editor; todas as manifestações concretas da sua insuficiência, que não são e nunca serão todas e em qualquer caso previsíveis,

tomamos a decisão de considerar variantes os segmentos dos capítulos que, nas redações autorais em exame, tratassem da mesma matéria ou idéia teórica, independentemente da existência de palavras comuns ou da localização do segmento no texto.

Assim, consideramos um caso de variante de um mesmo segmento e não segmentos distintos, passagens como as do exemplo seguinte, extraído do capítulo *I – Lingüística: seu Objeto*, linhas 431-437:

Vimos que a língua é uma instituição humana, mas cabe assinalar, ainda com SAUSSURE, que se distingue das demais por duas circunstâncias precípuas. Em primeiro lugar, dela participam todos os indivíduos da coletividade em cada instante da vida, o que não acontece, por exemplo, com os preceitos jurídicos ou os ritos religiosos, sempre de aplicações espaçadas e circunscritos, em cada uma, a determinado grupo de indivíduos. Em segundo lugar, o sinal lingüístico é ARBITRÁRIO, ou, noutros termos, não é motivado pelas idéias que representa, nada impedindo que um conceito qualquer se associe a uma série qualquer de sons, ao passo que, alhures, nas outras instituições humanas, há uma conveniência necessária entre os meios empregados e os fins colimados”⁽¹⁴⁾

Cada um desses elementos lingüísticos é ARBITRÁRIO em referência à representação mental a que corresponde. Simboliza essa representação por uma convenção tácita do ambiente social, sem ser motivado pela idéia que comunica e nele se integra¹. É o que logo ressalta, como frisa Saussure, ante “a diferença entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes” (Saussure, 1922, 100).

Tal é o princípio do caráter arbitrário do SIGNO ou símbolo lingüístico².

O segmento que vai de *Vimos que a língua* até *grupo de indivíduos* foi eliminado e o segmento mantido ganhou uma nova redação na qual pode ser pinçada uma palavra-chave, comum aos dois segmentos – ARBITRÁRIO. São variantes porque tratam da mesma matéria ou idéia teórica sobre a linguagem: a arbitrariedade do signo lingüístico, em duas passagens divergentes.

Portanto, diante de passagens que um primeiro exame fazia supor procedimentos do autor de eliminação ou acréscimo, fez-se necessário, a cada passo do confronto das várias redações com o texto-base, investigar possíveis correspondências da matéria tratada.

A colação do texto-base (E-1964) com as redações anteriores revelou um grande número de variantes. E a apresentação dessas inúmeras variantes, de forma econômica e inteligível, resultou em mais um problema a ser resolvido.

Na versão preliminar de nosso texto crítico, estampamos o texto-base, criticamente fixado, na página direita e *as variantes* das Lições, da 1^a., da 2^a. e da 3^a. edições dispostas em duas colunas na página esquerda

Cada variante é indicada pelo número da linha do texto-base, seguindo-se a letra que designa a edição: **A** (Lições-1939-40), **B** (1^a edição – 1941), **C** (2^a edição – 1954) e **D** (3^a edição – 1959).

O contexto verbal imediato em que ocorrem as variantes foi alargado, em favor da inteligibilidade das mesmas, de tal forma que podem ocorrer segmentos invariantes mais ou menos longos antes e depois das variantes ou intercalados a elas. *Em todos os casos as variantes foram transcritas em negrito* e os demais segmentos invariantes sem qualquer destaque.

O registro a seguir exemplifica esses critérios adotados.

Registro de Variantes-Cap. V: As *Unidades Significativas*, p.94

A (1939-40) / B (1941).....

- 290 A/B : “o índio **nutca** pode **transmitir** a idéia
292-94 A/B : assinalar a **distinção**”. Só contém em si
294 A/B : é um semantema {A : **puro**. / B : **puro**⁽⁸⁾ }

[Nota] B : (8) Edward Sapir, *Language*, New York, 1921 pg. 29.

- 295-303 A/B : Esses três tipos teóricos de vocábulos {A: **formais** / B: **mórficos**} oferecem na prática múltiplas **variantes**, porque **podem aparecer num vocábulo mais de um semantema e mais de um morfema**. O verbo português **prever**, por exemplo, contém dois semantemas de importância diversa (**pre-** e **v-**), e é da concatenação dos dois que resulta a idéia global; **belíssimas** tem 3 morfemas (de superlativo, de feminino, de plural).

- 303-[Subt.] [Em continuação a este segmento e finalizando a lição em A e o capítulo em B, há o parágrafo seguinte, que não apresenta segmento correspondente em E.]
A/B : É ainda em SAPIR que iremos buscar um exemplo expressivo de como semantemas e morfemas podem emaranhar-se num {A : **vocábulo** / B : **vocábulo**⁽⁹⁾ } :

Wü-to-kuchum-punku-rügani-yugwi-va-nü-mü,

vocábulo **paiute** acentuado na 2ª sílaba, a partir do princípio, e com a debilidade característica do fonema final, **significa aqueles que vão sentar-se e cortar à faca um touro preto**, e reúne múltiplos semantemas e morfemas assinalados na nossa transcrição pelos {A : **hifenes de separação**. / B : **hifenes**. }

[Nota] B : Edward Sapir, *Language*, New York, 1921, pg. 31. Sapir não adotou, intencionalmente, uma transcrição fonética rigorosa.

[Subt.] [Não há] [Entre as linhas 303 e 304]

304-25 [Não há]

C (1954).....

- 292 C : a distinção (CLXXVII- 29).
294 C : sem **morfema** de número.
296-97 C : mais de um **morfema**. **Analogamente**, pode
299-301 C : tipo mais **comum numa** língua como a **nossa** é o do vocábulo constituído de um semantema com um ou mais de um **morfema** ; **assim**, **belíssimas** tem o **semantema / bel /** e 3 **morfemas - / issim /** (categoria de superlativo), **/a/** (categoria de feminino), **/s/** (categoria de plural).

[Subt.] C : 32. A **análise linguística**. [Entre as linhas 303 e 304]

305-306 C : FORMAS MÍNIMAS (**quer** semantemas, **quer** morfemas),

306 C : ou **PRESAS** (cf. § 28). As

312-18 C : circunstância de que o **semantema** ou o **morfema**, da mesma sorte que o fonema, pode apresentar **VARIANTES POSICIONAIS**, ou **ALOMORFES** (como o **fonema** tem **variantes posicionais** ou **alofones**) (cf. § 16). Assim, no fr. **/vuzemε/ vous aimez**, como em **/vuzaleε/ vous aimez /vuzotε/ vous aimez**, temos o morfema **/vuz/**, que é variante posicional de **/vu/** diante de vogal (cf. **/vucrieε/ vous aimez**, diante de consoante; **/gevu/ c'est vous**, diante de pausa). **Analogamente**, em português, o **morfema de plural /s/** tem a variante posicional ou **alomorfe /es/** quando “preso” a um semantema terminado em **/r/**, como **mar** (*mares*). § Em segundo lugar

318-19 C : Em relação aos **morfemas**, em português

319-21 C : formas mínimas distintas **/a/** em **pedra**, onde assinala a categoria de **gênero**, e **/a/** em **canta**. É fácil distingui-los

322-23 C : a que se prendem (**semantema** nominal, significando um ser em **pedra** ; **semantema** verbal, significando

[Não há em E (1964) matéria correspondente ao último parágrafo de C (1954), transcrito a seguir.]

C : [Entre as linhas 323 e 324] Finalmente, como veremos no capítulo seguinte, há morfemas sutis, que não consistem num fonema ou num grupo de fonemas, mas num fonema supra-segmental (intensidade, altura, quantidade) ou até num processo gramatical de alternância ou de repetição de fonemas, quando não na ausência de fonema (**morfema-zero**) ou na ordem em se dispõe o vocábulo na frase.

324-25 C : [Não há]

D (1959).....

318-19 D : Em relação aos **morfemas**, em português, são

319-21 D : formas mínimas distintas **-a** em **pedra**, onde assinala a categoria de **gênero**, e **-a** em **canta**. É fácil distingui-los

Voltando ao capítulo *I – Lingüística: seu objeto*, linhas 307-323, o registro a seguir ilustra o vetor de mudança que identificamos como *desdobramento*, na direção do qual o texto se amplia e se atualiza tornando-se mais objetivo e mais claro, em nome da intenção didática da sua natureza de compêndio. Tentando identificar a dobra primeira e os novos vínculos que ela gera, surpreendemos esse processo em vários níveis de organização do texto.

Em *A* (1939-40) e *B* (1941) temos o seguinte parágrafo:

A ciência moderna, de acordo com a doutrina, hoje clássica, do mestre suíço FERDINAND DE SAUSSURE ⁽¹²⁾, distingue, ao lado da LÍNGUA, o DISCURSO (*la parole*), que é a atividade lingüística nas múltiplas e infindáveis ocorrências da vida do indivíduo. Essa distinção entre LÍNGUA e DISCURSO, que, como observa o professor polaco contemporâneo DOROSZEWSKI, “faz parte do acervo de idéias atualmente admitidas e até enraizadas em lingüística”⁽¹³⁾, é uma das luminosas interpretações saussurianas na ciência da linguagem, e, no âmbito social, corresponde à que se depreende entre as imposições gerais da sociedade e a atividade de cada um de nós, também sujeita às inspirações do pensamento individual.

A explicitação das idéias de Saussure de *langue* e *parole* e do seu lugar nos estudos da lingüística deu a este parágrafo a configuração com que ocorre em *E* (1964), desdobrado em três segmentos:

Foi o reconhecimento dessa verdade que se cristalizou na doutrina, hoje clássica, do mestre suíço Ferdinand de Saussure: a LÍNGUA (fr. *la langue*) é um sistema de elementos vocais comum a todos os membros de uma dada sociedade e que a todos se impõe como uma pauta ou norma definida. A seu lado, distingue Saussure a FALA, ou, mais precisamente, o DISCURSO (fr. *la parole*), que é a atividade lingüística nas múltiplas e infindáveis ocorrências da vida do indivíduo¹.

Para Saussure, a lingüística propõe-se a estudar a LÍNGUA; e nos DISCURSOS individuais, que considera e analisa, só lhe devem interessar os elementos vocais coletivos e a sua organização normal.

Essa distinção entre LÍNGUA e DISCURSO, que, como observa, com pouca simpatia, o lingüista polonês Doroszewski, “faz parte do acervo de idéias, atualmente admitidas e até enraizadas em lingüística” (Doroszewski, 1938, 88), é uma das luminosas interpretações saussurianas na ciência da linguagem. No âmbito social, corresponde *grosso modo* à distinção entre as imposições gerais da sociedade e a atividade de cada um de nós, também sujeita às inspirações do pensamento individual.

Da mesma forma desdobram-se as frases para abrigar a inclusão de dados novos, como podemos ver na primeira frase de *A/B* do exemplo apresentado: a inclusão da definição de *langue* desdobrou-a em duas frases, que passaram a constituir um parágrafo.

Em todos os níveis vistos de organização do texto – capítulo, subdivisão de capítulo, parágrafo, frase – o desdobramento é comandado pelo propósito do autor de um desenvolvimento progressivo da informação e revela o rigor na atualização da informação científica – seja ela nova ou já preexistente no texto, caso em que aparece reformulada, com um novo enfoque ou uma nova valoração.

Tudo se passa metonimicamente, como se o texto reagisse em cadeia, de tal forma que substituições, acréscimos, supressões e deslocamentos o reorganizam, atendendo aos vetores de desdobramento (atualização) e clareza (rigor/precisão), mantendo-se fiel à sua vocação pedagógica e conferindo-lhe cada vez mais o estatuto de texto científico. É o que observamos na ampliação progressiva do segmento transcrito a seguir do capítulo *V – As unidades significativas*, linhas 183-195:

A/B: Aceitar a realidade lingüística do vocábulo não importa, entretanto, em considerá-lo a *unidade da fala*, como fazem alguns lingüistas (Gardiner, por exemplo). A doutrina legítima é considerar o vocábulo { A. **formal** / B. **mórfico** } na fala **em perfeita** correspondência com o vocábulo **fonético** na fonação, **onde, como vimos**, a verdadeira unidade é a **SÍLABA: assim** como o vocábulo **fonético tem existência real, assinalada por determinados caracteres fonéticos, mas não é a unidade da fonação, o vocábulo na fala não é a unidade, embora tenha existência não menos real.**

C: Aceitar a realidade lingüística do vocábulo não importa, entretanto, em considerá-lo a unidade significativa por excelência como fazem alguns lingüistas (Gardiner, por exemplo). **Ele está no âmbito das significações como o vocábulo fonético no âmbito da fonação. Trata-se de uma divisão intermediária entre o conjunto enunciado e as unidades significativas em que se divide em última análise esse conjunto.** A doutrina legítima é considerar o **vocábulo na fala, ou discurso oral, em correspondência com o vocábulo na fonação, onde vimos que a verdadeira unidade não é ele, pois é por sua vez aí deduzível em**

D/E: Aceitar a realidade lingüística do vocábulo não importa, entretanto, em considerá-lo a unidade significativa por excelência como fazem alguns lingüistas (Gardiner, por exemplo). Ele está no âmbito das significações como o vocábulo fonético no âmbito da fonação. Trata-se de uma divisão intermediária entre o conjunto enunciado e as unidades significativas em que se divide em última análise esse conjunto. A doutrina legítima é considerar o vocábulo na fala, ou discurso oral, em correspondência com o vocábulo na fonação, onde vimos que a verdadeira unidade não é ele, pois é por sua vez aí deduzível em

sílabas e em elementos últimos que são os fonemas. Assim como o vocábulo fonético, que é uma realidade fônica, não constitui a unidade da fonação, o vocábulo significativo, lingüisticamente real, não é a unidade significativa, mas antes deduzível em elementos últimos de significação ou FORMAS MÍNIMAS (ing. *minimal form*).

sílabas e em elementos últimos que são os fonemas. Assim como o vocábulo fonético, que é uma realidade fônica, não constitui a unidade da fonação, o vocábulo significativo, lingüisticamente real, não é a unidade significativa, mas antes deduzível em elementos últimos de **significação: as FORMAS MÍNIMAS (ing. *minimal form*), ou MORFEMAS, lato sensu, (gr. *morphē* “forma”), cujo limite não coincide, necessariamente, com o limite fonético das sílabas.**

O núcleo gerador das mudanças efetuadas neste segmento é a afirmação de *A/B* (1939-40/1941): *Aceitar a realidade lingüística do vocábulo não importa, entretanto, em considerá-lo a **unidade da fala**, como fazem alguns lingüistas (GARDINER, por exemplo).*

Forma-se, portanto, uma constelação de variações ou mudanças que se enredam conservando uma lógica interna conferida pelos vetores de atualização da informação científica e de clareza (rigor e precisão) da formulação lingüística, tendo em vista o propósito pedagógico do texto a que o autor deu o destino de compêndio.

Algumas considerações finais

As origens da Crítica Textual, voltadas para os textos religiosos e os textos literários da antigüidade greco-latina, assim como a ênfase dada, num determinado estágio de sua história, aos textos medievais, explicam o caráter da vasta bibliografia que privilegia, enfaticamente, esse viés de aplicabilidade.

Acrescente-se, a essa visão diacronicamente limitadora, o preconceito sincrônico que valida apenas a sua preocupação com os textos literários, excluindo do seu exame crítico os mais variados tipos de textos que coexistem num determinado estado da vida das sociedades e de sua cultura e que, no seu conjunto e nos liames que mantêm entre si, formam a tessitura desse real e

dessa realidade humana que, em última instância, se pretende decifrar nessa aventura em busca de um saber, qualquer que seja a área em que se situe.

Com o intuito de contribuir para a fixação do alcance dos procedimentos ecdóticos aplicados a textos modernos e contemporâneos, partimos assim do pressuposto de que a aplicação da Crítica Textual a textos ditos não-figurativos ou não-literários, textos de vocação científica como é *Princípios de Lingüística Geral*, de Mattoso Câmara Jr., não só é do seu alcance, como confirma o seu papel interdisciplinar entre as ciências: valendo-se delas para a consecução de seu objetivo final – a editoração de edições críticas –, a elas oferece este seu produto derradeiro, como uma nova e instigante fonte para investigações particulares e específicas.

Quero aqui lembrar Gaston Bachelard (1986:159) quando diz que *As belezas do pensamento científico não são belezas oferecidas à contemplação. Elas se mostram contemporâneas ao esforço de construção*. Esse esforço de construção de um postulado científico, no qual reside sua beleza intrínseca, é sempre e inelutavelmente acompanhado do esforço de construção de um texto em que se plasma e se materializa essa reflexão teórica para que possa ser comunicada, exteriorizada. Texto no qual se surpreende e se desvenda essa beleza e que permite sua fruição nessa instância de sua configuração

O registro das variantes textuais de *Princípios* permite a fruição intelectual desse texto visto na perspectiva do seu processo de produção, isto é, possibilita acompanhar o percurso de uma reflexão teórica sobre a linguagem que se faz texto. Percurso de produção intelectual em que a inteligibilidade e a univocidade da formulação lingüística são funções determinantes. Construção textual que se dá com todas as angústias, hesitações, avanços e recuos, com todos os silêncios/rasuras, resultado de todas as campanhas de escritura de que nos fala a Crítica Genética. E sobre esse desafio em que se constitui, também para o autor de um texto científico, a formulação de suas teorias na “impura linguagem dos homens”, como definiu o poeta Quintana a linguagem humana verbal no seu poema *Bem-aventurados*, atesta-nos nosso lingüista maior, Ferdinand de Saussure, em carta (Starobinski, 1974:11) de que faz parte o seguinte fragmento:

[...]absolutamente incompreensível se eu não fosse obrigado a confessar-lhe que tenho um horror doentio pela pena, e que esta redação me causa um suplício inimaginável, completamente desproporcional à importância do trabalho.

Para mim, quando se trata de lingüística, isto é acrescido pelo fato de que toda teoria clara, quanto mais clara for, mais inexprimível em lingüística ela se torna, porque acredito que não exista um só termo nesta ciência que seja fundado sobre uma idéia clara e que assim,

entre o começo e o fim de uma frase, somos cinco ou seis vezes tentados a refazê-la.

A variante surge quando Mattoso Câmara empreende a busca do fundamento teórico atualizado: as modificações operadas no texto de uma edição para outra mostram um autor em sintonia com o avanço das pesquisas lingüísticas fora do Brasil e com a preocupação pedagógica de dominar as proposições de diferentes autores para fazê-las objeto de conhecimento e reflexão de seus leitores. E isto acompanhado do esforço de apuração, de refinamento do discurso teórico de forma a reduzir a polissemia dos termos e formulações e torná-los mais claros porque mais rigorosos e precisos, mais didaticamente encadeados.

Assim, a configuração de cada edição – especialmente a 1ª (1941), a 2ª (1954) e a 3ª (1959) – registra a verdade textual e editorial daquele estágio do pensamento lingüístico de Mattoso Câmara e da cientificidade de seu texto. A cada retomada do texto, que já adquirira ele próprio o *status* de obra de referência, o seu autor auto-constitui-se como interlocutor e convoca para esse diálogo com o texto já escrito um novo conjunto de autores e idéias, com os quais plasma o novo texto à custa das substituições, acréscimos, eliminações e deslocamentos. E desta rede de modificações, gerada no entrelaçamento desses processos, surge a nova versão que, por sua vez, dará forma lingüística à reflexão teórica de Mattoso Câmara naquele momento da sua história de pesquisador da ciência que abrigava suas investigações, a Lingüística Geral.

Neste *Princípios de Lingüística Geral* não formulou, certamente, um corpo de doutrina. Mas este não era o seu propósito declarado. Queria, na verdade, escrever um compêndio, um resumo de doutrinas que divulgasse e reverberasse as idéias lingüísticas que vigoravam nos grandes centros acadêmicos europeus e norte-americanos.

Disposto a fazer do seu texto de *Princípios* um lugar por excelência dessa divulgação pedagógica pioneira – de que se nutriu largamente a academia brasileira – não hesitou em modificar o texto de uma edição para outra, incluindo variantes que atestam o seu empenho de atualização teórica, que se faz acompanhar das mudanças que julgava necessárias para apurar o caráter científico da sua linguagem, na direção da clareza e do rigor da exposição e do encadeamento de seu pensamento lingüístico.

Daí o grande viés da mudança ser o desdobramento, a explicitação que se dá desde o nível maior da organização do texto, até à minúcia da mudança lexical. Nesse movimento de variação, o procedimento macro reformula e redimensiona a organização dos capítulos, faz surgirem títulos e subtítulos, redesenha os parágrafos, deles desentranhando idéias-núcleos que geram novos segmen-

tos, enquanto que o procedimento micro refina o texto nas instâncias da pontuação, da sintaxe, das formas lexicais.

E o texto todo se move: um capítulo se desdobra em capítulos, que fazem surgir novos títulos, segmentos inteiros se reordenam e determinam a criação de subtítulos, que também irão, por sua vez, se desdobrar em novos subtítulos; um parágrafo gera vários parágrafos, uma frase se multiplica em frases e uma palavra em novas palavras.

Instaura-se, assim, um ritmo de mudança que revela a pulsação latente do texto, nas suas diferentes retomadas, mas sempre na direção da reelaboração e apresentação de um texto científico-didático preciso e atualizado.

Partindo do pressuposto de que a atividade crítico-filológica não se aplica apenas a textos literários, mas também a textos de vocação científica, submetemos aos procedimentos ecdóticos o texto de *Princípios de Lingüística Geral*, de Mattoso Câmara, pela sua representatividade na área de saber em que se insere e pela comprovação da pertinência filológica de se proceder à comparação dos textos de sua tradição impressa.

Isto comprovado, ou seja, a justeza e a legitimidade de se submeter o texto ao crivo ecdótico, a justificativa da escolha, tendo em vista um juízo de valor do mesmo, era tarefa perfunctória, uma vez que essa obra de Mattoso Câmara *se define e se impõe* por si mesma no âmbito da investigação científica em que se situa, como destacou Sousa da Silveira, no prefácio à primeira edição, de 1941: *Mas para que falar de um compêndio, de redação clara e exposição metódica e substancial conteúdo, que se define e impõe por si próprio?*

A despeito dessa evidência, não é demais lembrar aqui o caráter pioneiro de seu autor no ensino e na divulgação das idéias lingüísticas no Brasil. Professor vocacionado, sua competência pedagógica é atestada por seus alunos e consignada no testemunho de um dos mais ilustres dentre eles, ainda Sousa da Silveira, no prefácio à 1ª edição:

Esse discurso pedagógico, restrito de início aos limites da academia, vai além dela com a publicação de suas *Lições de Lingüística Geral*, na *Revista de Cultura* (1939-40), gênese da 1ª edição em livro (1941), de tal forma que faz o seu emérito prefaciador atestar também o seu pioneirismo nessa instância de divulgação da nova ciência – a Lingüística – entre nós:

A leitura atenta do livro do Professor Mattoso Camara porá ordem dentro de muito cérebro onde as noções lingüísticas ainda se aglomeram confusamente.

Não menos convicto das virtudes acadêmicas do autor e do livro irá mostrar-se o não menos ilustre prefaciador da 5ª edição (1977), Silvio Elia:

Este livro cumpriu o seu destino.

Publicado pela primeira vez em 1941, [...] a sua aparência modesta não deixava suspeitar o que de inovador e renovador dentro dele palpitava. Na verdade, nascia a Lingüística no Brasil e quiçá no mundo de língua portuguesa.

Continua Silvio Elia afirmando ser o livro *um clássico em nossa literatura científica, uma obra consagrada, ideal para introdução nos estudos de Lingüística Geral*. Acompanhar esse percurso editorial de *Princípios*, com a sistematização filológica proposta, favorece não apenas a compreensão da evolução do pensamento lingüístico de Mattoso Câmara, mas também – em virtude do papel privilegiado que o autor e sua obra ocupam na bibliografia de língua portuguesa das ciências da linguagem – a compreensão e o registro mais exatos das condições concretas da origem e divulgação acadêmica dos princípios da lingüística geral entre nós e da renovação que promoveu nos estudos e no ensino da nossa gramática.

Mesmo um exame superficial das variantes registradas revela a riqueza do material de pesquisa aí configurado. Procedendo às reconstituições textuais e acompanhando a trajetória das mudanças, surpreende-se o *in fieri* de um texto de vocação científica em produção, a reflexão teórica que se faz texto, a construção de uma linguagem referencial que dá forma a esse fazer cognitivo sobre a própria linguagem.

Concordamos com o professor Silvio Elia quando considera ter *Princípios de Lingüística Geral* cumprido seu destino: aquele de compêndio didático divulgador das grandes doutrinas lingüísticas de sua época. No nosso entender tudo se passa como se, assumindo essa instância referencial como uma marca desse seu texto, Mattoso Câmara estivesse se assenhoreando dos princípios básicos da lingüística geral para, numa etapa posterior, proceder à sua aplicação à língua portuguesa, projeto que deixou anunciado em *Estrutura da Língua Portuguesa* e que resultou inacabado, com sua morte prematura.

Podemos considerar que o percurso teórico de Mattoso Câmara reverbera, em larga medida, o percurso teórico da Lingüística no Brasil, no âmbito da pesquisa pura e da pesquisa voltada para o estudo e o ensino da gramática da língua portuguesa.

Em face disso, consideramos que este nosso trabalho, que se inscreve numa vertente ainda não canônica da Crítica Textual, contribui para a investigação e a comprovação da justeza de sua aplicabilidade a um conjunto riquíssimo e ainda não muito explorado de textos que se situam fora do registro literário, mas que, inquestionavelmente, pertencem a esse universo de produção de sentidos por meio da linguagem humana. Não percorrer, exaustivamente, esses espaços textuais, significa abrir mão ou privar-se de uma coleta de dados lin-

güísticos e culturais que certamente contribuem de forma decisiva para desvendar e explicar os mecanismos que regem a produção cognitiva das ciências humanas.

Referências bibliográficas

- ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. Com um prefácio do Prof. Serafim da Silva neto. Estabelecimento do texto, revisão, notas e índices pelo Prof. Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1966.
- BACHELARD, Gaston. *Le rationalisme appliqué*. *Apud* COQUET, J.-C. O sujeito epistêmico e seu discurso. In GREIMAS, A. J. e LANDOWSKI, E. *Análise do discurso em ciências sociais*. São Paulo: Global, 1986.
- GENETTE, Gerard. *L'instance préfacielle*. Seuil. Paris: Ed du Seuil, 1987.
- GREIMAS, A. J. e LANDOWSKI, E. *Análise do discurso em ciências sociais*. São Paulo: Global, 1986.
- PARREIRAS, Antônio. *História de um pintor: contada por ele mesmo*. Organização do plano geral e preparação do texto crítico sob a orientação e direção de Maximiano de Carvalho e Silva, com a colaboração de Maria Teresa Kopschitz de Barros. 3. ed. Niterói, RJ: Niterói Livros, 1999.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica por Rudolf Engler. Alemanha, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968.
- STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- TAVANI, Giuseppe. Alguns problemas de edição crítica – Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, USP, São Paulo, n. 31, 1990, p. 35-48.
- UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. “A seleção dos dispersos de Joaquim Mattoso Camara Jr.”. In *Dispersos de J. Mattoso Camara Jr.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972. p. xxi-xliv.